

Resistência e Psicanálise

Yara Amorim Souza Leão

Desde o seu surgimento a Psicanálise encontra resistência, tanto no laço social como, mais particularmente, no próprio processo da análise. Neste texto, ao falarmos destas questões, sublinharemos também a noção da Psicanálise como resistência, pois nesses tempos de declínio das grandes utopias, onde os objetos de consumo são oferecidos como capazes de obturar a falta que funda o humano, a Psicanálise é um instrumento que aponta para esse grande engodo fazendo com que o sujeito ao deparar-se com a radicalidade da falta possa forjar um viver mais satisfatório. Assim, a Psicanálise resiste ao discurso sedutor da possibilidade de uma recuperação do objeto perdido.

A existência sem sofrimento é uma utopia perseguida pelo homem desde sempre.

Freud, ao descobrir o inconsciente, ao mesmo tempo em que anunciou a impossibilidade do fim do sofrimento humano, criou a Psicanálise e, com ela, a possibilidade concreta de através da fala, encontrar um sentido para a angústia produzindo um caminho de muitas e surpreendentes realizações. Não parece pouco e parece simples, entretanto, o anúncio da idéia de que, a partir da fala, era possível redimensionar o sofrimento, o que provocou, de um lado, a curiosidade e de outro, muita resistência.

Não fosse o empenho de Freud em levar às últimas conseqüências as suas próprias questões sobre a vida, teria desistido!

A resistência que a Psicanálise, enquanto teoria e prática, se deparou e se depara no laço social, só pode ser acompanhada a partir dos instrumentos forjados pela própria psicanálise.

A obra de Freud é perpassada pela temática da transferência e da resistência e a elas ficam tributárias a descoberta do inconsciente e a invenção da psicanálise. Apesar de sabermos serem esses dois elementos os móveis que engendram uma análise, nos permitimos, entretanto, neste texto, sublinhar a resistência.

Quando Freud, ao utilizar a prática da hipnose e da sugestão, se deparou com dificuldades para levar a cabo a análise, nomeou-as de resistência e, a princípio, as entedia como uma forma dos pacientes escaparem de um certo assujeitamento imposto por tais técnicas.

Na tentativa de ultrapassar os obstáculos que dificultavam a análise, Freud costumava explicar aos pacientes de forma detalhada todo o processo analítico; nem sempre obtinha êxito. Então, percebeu que a resistência não era algo consciente, não se atinha apenas ao *eu*; mas era parte constitutiva do sintoma, daquilo que estava recalcado e passível tanto de interpretação, quanto de superação.

Desse modo, Freud identificou cinco formas de resistência: três ligadas ao eu e manifestadas sob a forma de recalque; sob a forma da resistência de transferência e sob a forma de um “lucro”, de um gozo do sintoma, cuja cura poderia representar um perigo para o eu. Ele afirma: “*Na vida civil a doença pode ser utilizada como uma tela para encobrir a incompetência na profissão de alguém ou na concorrência com outras pessoas, enquanto na família pode servir de meio para sacrificar os outros membros e extorquir provas de amor destes, ou para impor a vontade sobre eles*” (Freud, vol XX 1969,p.253.). Afirma também que o eu desconhece esses mecanismos que ele mesmo cria, ou seja, a operação da resistência é inconsciente.

Das outras duas formas de resistência, uma está ligada ao *isso* e leva à repetição e à compulsão e a outra está ligada ao *supereu* e se expressa através da culpa e da necessidade de punição. Portanto, para Freud, a resistência não se reduz às defesas do eu (Roudinesco; Plon,1997).

Lacan (1986) ao se reportar aos textos freudianos, indica que a análise não se estabelece numa relação entre dois e aponta a palavra como o terceiro elemento da relação analítica, circunscrevendo a resistência aos níveis do discurso e da transferência. Do discurso porque é a palavra que revela o não dito do sujeito da enunciação, da transferência porque ao endereçar a palavra recalcada ao analista o paciente está atualizando o inconsciente.

Não há análise sem resistência, a resistência está presente antes e durante o percurso de uma análise. Na verdade, a análise vai manejar a resistência.

É mais do que comum ouvir pessoas que se queixam de sofrimentos impingidos por doenças imaginárias ou reais, por dedicarem a vida a cuidar de pessoas doentes ou necessitadas, de ficarem submetidas à tirania de outros, de não se acharem reconhecidas pelo que fazem,etc. O que está posto em jogo é o gozo da autopiedade. Outros vão repetir compulsivamente determinados rituais como expressividade do tormento imposto pela culpa; outros, ainda, vão “eleger” objetos como representação dos seus conflitos psíquicos, desenvolvendo as mais variadas fobias. Se por um lado os sintomas desses conflitos se traduzem numa angústia real, num sofrimento atroz, não é verdade que encontrando os meios, os sujeitos busquem um tratamento e, ainda, quando buscam e se deparam com a farsa forjada pelo inconsciente, o abandonam sob alegação dos mais variados motivos que, inconscientemente, escondem a resistência a abandonar o gozo do sintoma.

Portanto, não são claras nem previsíveis as defesas que o paciente vai forjando para manter o sintoma que provoca, ao invés do prazer, um gozo mortífero. *O sofrimento neurótico propõe encontrar um cúmplice para o gozo patente* (Mafra 2004, p.77).

O analista, então, vai manejar a resistência a partir da barra, do interdito a esse gozo, pois se o sintoma encontra um acolhimento, uma ilusão cúmplice pelo analista de que esse está no lugar do objeto da falta, o que vai produzir é o gozo de ser refém do gozo do Outro. Entretanto, quando o analista, atento à impossibilidade da coincidência entre a falta e o objeto e, na sua função, se presta a ser o objeto **a** (causa de desejo) para outro, instaura-se a possibilidade de que esse outro encontre na palavra as representações

para o objeto perdido. Pois ao falar do passado o sujeito reinventa a sua história e redimensiona a vida.

Ainda que a análise não seja promessa de felicidade, produz no seu percurso o deslocamento do sintoma, alterando todos os campos da existência, relativizando o sofrimento e obtendo prazer ao invés da imobilização gozosa.

A análise é um trabalho exigente, deparar-se com a falta e com a impossibilidade de encontrar na vida um objeto que lhe recubra não é fácil, é preciso um investimento que é posto à prova a todo instante, seja pela dimensão inconsciente da resistência, ou mesmo da resistência posta no laço social.

Na atualidade, a cada dia surge uma nova forma para acabar com o sofrimento. Como afirma Roudinesco: “*A sociedade democrática moderna quer banir do seu horizonte a realidade do infortúnio, da morte e da violência, ao mesmo tempo procurando integrar num sistema único as diferenças e as resistências*” ...*todo individuo tem direito e, portanto, dever de não mais manifestar seu sofrimento* (1999, p.16).

Nesse sentido, a busca do fim do sofrimento encontrou na ciência a sua nova configuração, os fármacos são a utopia da *Pós-modernidade*, ou seja, para cada expressão dolorosa da subjetividade surge um novo medicamento: há os que prometem a felicidade, outros que combatem a angústia, a tristeza, o medo, a ansiedade, a impotência, os vícios, a compulsão, a obsessão, e mais recentemente, algo que possa nos fazer esquecer os momentos ruins da vida, ativando apenas as boas lembranças.

Para evitar, também, a vergonha de não se adequar aos padrões estabelecidos de beleza e juventude, portanto, de sucesso, são oferecidos tratamentos que vão dos mais variados cosméticos, passando pelos mirabolantes exercícios físicos até as sofisticadas cirurgias.

Recentemente, tanto a compulsão pelos exercícios quanto à obsessão pela juventude e beleza foram consideradas doenças e logo aparecerá um medicamento para combatê-las, aliado a uma psicoterapia “breve”, já que não se pode perder nada, muito menos tempo.

Se por um lado dispomos de tantos recursos que prometem exorcizar a infelicidade, por outro, nos deparamos com um crescente sofrimento psíquico que recebe muitas denominações, os vários tipos de síndromes: da fadiga crônica, das pernas inquietas, do cólon irritável, do pânico; etc., transtornos do comportamento, e, por fim, a banalizada depressão.

Percebemos assim, a impossibilidade da farmacologia e das terapias comportamentais de domarem o inconsciente, que ressurge resistente a qualquer tentativa de repeli-lo. Como afirma Roudinesco: “*Dáí o relativo fracasso das terapias que proliferam, por mais que estas se debrucem com compaixão sobre a cabeça do sujeito depressivo, não conseguem curá-lo nem apreender as verdadeiras causas do seu tormento*” (1999, p.18).

O que atormenta o ser humano, sob inúmeras facetas, é o mesmo que o constitui: a falta e a impossibilidade do encontro de um objeto que a obture. A partir desta frustração, o homem vai forjando objetos que vão sempre recolocar a falta produzindo a vida. Entretanto, vivemos um momento histórico que resiste à verdade fundante do sujeito e elege o imperativo do gozo. Todavia, o recalcado, que sempre retorna, revela uma subjetividade “deprimida” pelo excesso desses mesmos objetos, que ao prometerem o gozo e o fim do sofrimento, suprimem o desejo, a ideologia e a esperança.

A psicanálise, nesse sentido, pode ser considerada como uma resistência ao imperativo do gozo oferecido pelos objetos, pois se inscreve no desvelamento da falta que funda o desejo, o qual o sujeito porta sem saber. Deste modo, o desejo se põe do lado do sujeito e não dos objetos, pois o objeto causa de desejo que constitui o sujeito não se encontra no mercado nem em lugar nenhum, é preciso forja-lo sempre. Assim, a prática psicanalítica se propõe a desvelar o desejo que o sujeito da enunciação porta através do discurso do sujeito do enunciado.

A psicanálise é uma também uma resistência quando não se presta a ser um remédio, quando a sua prática não sucumbe à sedução fácil de uma resposta para tudo, quando o resistir possibilita que o sujeito encontre, através da palavra, um trilho pelo qual conduzirá o seu próprio desejo alterando radicalmente a vida.

Referências Bibliográficas

FREUD, Sigmund. **A questão da análise leiga**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Edição *standard* brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. XX.

LACAN, Jacques. **O Seminário - Livro 1: Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986..

MAFRA, Taciana de Melo. **A transferência**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2004

ROUDIDESCO, Elisabeth. **Porque a psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar, 2000

ROUDIDESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

